

## EP 1: DA UTOPIA À REALIDADE

**(SOBE SOM INSTRUMENTAL)**

**SOBE SOM (MANCHETE DE PROGRAMA DE TV):**

[Antirracismo: cresce em mais de 280% o número de alunos negros no ensino federal](#)

“O número de alunos pretos e pardos as universidades federais triplicou nos últimos treze anos. Segundo um levantamento feito pela Unifesp com dados do MEC, a lei de cotas foi a principal responsável pela inclusão, não só racial, mas também social no ensino superior”

**VINHETA SEPARA**

[\(5\) Lei de Cotas completa 10 anos - YouTube](#)

“A principal mudança da lei foi o aumento do número de jovens pobres e pretos nos cursos do ensino superior do Brasil. E isso não impactou a qualidade da educação, diferente do que críticos apontavam na época em que a lei foi elaborada”.

**VINHETA SEPARA**

**ROSANA:** Hoje não há dúvida: a lei de cotas representa mudança profunda na configuração das universidades públicas brasileiras.// Ainda que existam muitos desafios pela frente, o Brasil passou por transformação radical no que diz respeito à presença de alunos pobres e negros nos cursos superiores a partir da promulgação da Lei 12.711, em 29 de agosto de 2012.// Como ouvimos nas reportagens que abriram esse episódio, a legislação de fato viabilizou a inclusão em instituições marcadas historicamente pelo elitismo branco e pela restrição do acesso ao longo da sua história.

**ALESSANDRA:** Mas para resgatar esse percurso, entender o processo e refletir sobre o futuro, a gente precisa recuar no tempo em relação à entrada em vigor da lei 12.711.// E é necessário também estender a análise à década seguinte desse marco.// Nesse encontro sonoro, nossa proposta é, junto com você, fazer um resgate histórico, observar o que foi conquistado até aqui e também olhar para o futuro com os entraves a serem enfrentados

**ROSANA:** Com esse desafio, estamos aqui.// Eu sou Rosana Heringer, professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ e há 30 anos atuando como ativista a favor das ações afirmativas

**ALESSANDRA:** E eu sou Alessandra Pio, militante acadêmica, professora da Educação das Relações Étnico-raciais da Universidade Rural do Rio de Janeiro, a UFRRJ e fui professora da educação básica durante 20 anos.// Nós duas somos do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Educação Superior, da faculdade de educação da UFRJ, o LEPES. E a gente convida você a participar desse nosso papo.

## **SOBE SOM VINHETA –**

**“CAMINHOS AFIRMATIVOS. UM PODCAST DO LEPES: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior da Faculdade de Educação da UFRJ.**

### **EPISÓDIO 1: O QUANTO CAMINHAMOS PARA CHEGAR ATÉ AQUI**

**ALESSANDRA:** Vamos começar o nosso percurso pelos “Caminhos Afirmativos”. E, antes de mais nada, a gente pergunta: você, ouvinte, sabe exatamente o que é a Lei de Cotas?// Em 2012, a legislação tornou obrigatória, no acesso ao ensino superior, a reserva de vagas para estudantes de escola pública, com renda *per capita* até 1,5 salário mínimo, pretos, pardos e indígenas nas instituições federais de educação no Brasil.// Em 2016 foram incorporados também os estudantes com deficiências.// Uma determinação que passou a valer para todas as sessenta e nove universidades federais.

**ROSANA:** Assim, em 2022, a Lei de Cotas completou 10 anos e nós, do LEPES, realizamos uma pesquisa para observar essa década que marcou uma mudança da cara das universidades federais brasileiras.// Para isso, reunimos uma equipe de dezenas de pesquisadores brasileiros, de todas as regiões do país, que se dedicaram ao longo de 15 meses a recolher e sistematizar estes dados, trazendo um panorama rico sobre como a Lei de Cotas alterou o perfil dos estudantes das universidades federais, impactando também as próprias universidades, de diferentes formas.

**ALESSANDRA:** A gente entende que estudar as cotas é central para melhor entender as transformações recentes nas universidades federais que precisam fazer valer seus princípios de gratuita, universal, inclusiva, de qualidade e propulsora de transformações estruturais da sociedade brasileira.// E nós somos totalmente imersas nesse tema, não é Rosana?

**ROSANA:** Com certeza!// Vou contar pra vocês que a Alessandra foi minha orientanda no doutorado.// Ela entrou na UFRJ em 2016 e a tese dela foi sobre a trajetória escolar de estudantes negros em comparação com estudantes brancos.// E como o racismo os afetou durante esses 12 anos.

**ALESSANDRA:** O grupo analisado no Colégio Pedro Segundo começou a classe de alfabetização em 2005 e seguiu até 2016, concluindo o ensino médio.// Ao final da pesquisa eu identifiquei que o grupo autodeclarado como branco teve em torno de 80% de aproveitamento, ou seja, concluíram o Ensino Médio.// Já o percentual de estudantes pretos não chegou a 30%.// As avaliações mostraram que ao longo dos anos o racismo é um dos motivos dessa disparidade.// E tem uma coisa curiosa: eu conheci a Rosana Heringer apenas na entrevista da seleção do doutorado.// Ela é uma referência nesse tema e desde o primeiro momento me recebeu sinalizando que a universidade é sim lugar de estudantes pretas e pretos.// Você está nessa batalha faz muito tempo, não é?

**ROSANA:** Sim, lá no final dos anos 1980, eu trabalhava no Ibase, o Instituto de Análises Sociais e Econômicas.// A ONG, que era dirigida pelo Betinho, o sociólogo Hebert de Souza, realizou campanhas bacanas sobre o tema do racismo e da discriminação racial.// Uma delas lançava uma pergunta interessante: Onde você guarda seu racismo?// Já recusando a hipótese de que o Brasil não é racista e provocando cada um, cada uma a investigar em si mesmo o seu próprio preconceito

#### **SOBE SOM:**

[Onde você guarda o seu racismo? 1º Fase - 2004 - \(\(\( início do vídeo\)\)\)](#)

“Onde você guarda o seu racismo? Não sei, mas eu sei que sou um pouco. Acho que o racismo está guardado lá, no fundinho do coração. No medo. Na raiz. É complicado. Bem escondido pra ninguém perceber, nem eu mesmo. Não guarde seu racismo, jogue fora”

**ROSANA:** No Ibase, nós tivemos a oportunidade de fazer um trabalho com a pastoral do negro da igreja católica, que era organizada pelo Frei David, lá dos primórdios, quando ele era padre da paróquia de São João de Meriti, na Baixada Fluminense onde alguns anos depois” criou o Pré-Vestibular para Negros e Carentes.//

**ALESSANDRA:** Interessante é que nossa trajetória, mesmo com a distância no tempo, se cruza.// Eu comecei minha militância justamente no Pré-Vestibular para Negros e Carentes de São João de Meriti.// Lá foi o seu primeiro contato com esse tema e pra mim, mulher negra que já vivia o racismo, foi o espaço em que me dei conta de como ele opera.// Foi meu despertar pra luta.// Rosana, nessa época, pensar uma legislação específica de reparação era ainda uma utopia, não é?

**ROSANA:** Totalmente!!! Muita gente achava impossível transformar em lei as políticas de ação afirmativa.// Essa discussão ganhou corpo no final dos anos

1990 e início dos anos 2000.// E desde a década de 1980 já estava nas ruas um inconformismo com a falta de políticas de enfrentamento do racismo.

### **SOBE SOM**

[Marcha do Centenário da Abolição em 1988 - Fragmentos | CULTNE | Movimento Negro](#)

“Negros unidos derrotam o racismo”

**ALESSANDRA:** Essa foi a Marcha contra a farsa da Abolição, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1988 e foi reprimida com violência pelo Exército.//No mesmo ano, que marcava o centenário da Abolição, houve mobilizações em diferentes cidades do país contestando a versão de que a abolição foi uma concessão feita pela Princesa Isabel.//

### **SOBE SOM NOVAMENTE**

[Marcha do Centenário da Abolição em 1988 - Fragmentos | CULTNE | Movimento Negro \(\(\(INÍCIO DO VÍDEO\)\)\)](#)

**ALESSANDRA:** Outra mobilização marcante ocorreria em 1995, o povo negro tomou Brasília numa mobilização de mais de 30 mil pessoas reunidas na Marcha de Zumbi dos Palmares.

### **SOBE SOM**

[Marcha Zumbi dos Palmares - 1995 - Brasília DF | CULTNE | Movimento Negro](#)

AOS 3'07”

Fazia 300 anos da morte de zumbi. O movimento negro decidiu comemorar com uma grande marcha em Brasília para mostrar o tamanho da indignação dos negros contra o mito da democracia racial no Brasil. Todas as denúncias já foram feitas. Era o momento de exigir ações concretas em todo o Brasil. O negro apostou no sucesso da marcha.

AOS 3'47” Vieram pessoas do Rio Grande do Sul, do Ceará, de 20 estados desse país viajando nas condições mais absurdas, mais difíceis mais insalubres. Teve delegações que viajaram 3,4 dias, ônibus que quebraram... houve uma delegação que chegou às 7:00 da noite no final do ato, mas chegou para marcar, que veio, que está aqui, que está na luta, que está no processo.

**ALESSANDRA:** Essa foi a filósofa e militante antirracista Sueli Carneiro, em depoimento ao documentário “Marcha Zumbi dos Palmares, 1995”.// A gente sente a potência do movimento na fala dela.// Dá pra imaginar a emoção.// Nesse dia, foi realizada a primeira sessão solene no Congresso Nacional para discutir a situação no negro no país em que o povo teve vez e voz.

**ROSANA:** Era um momento muito rico e intenso.//Internacionalmente também aconteciam mobilizações e o Brasil participava dela.

## **SONORA: ENTREVISTA LÚCIA XAVIER**

AOS 00:04:55: “tem dois momentos muito marcantes nesse processo, então. O primeiro é a realização da Conferência Regional contra o Racismo, ocorrida em Santiago do Chile em 2000, onde, pela primeira vez, diferentes grupos étnicos e raciais se encontram para falar desse tema, para discutir esse tema e construir um documento. O documento de Santiago é a base da construção da conferência, do plano de ação e da declaração de Durban, muitos dos artigos, muitos dos conceitos e ideias que aparecem em Santiago vão até Durban.

**ROSANA:** Essa é a Lúcia Xavier, coordenadora da ONG Criola, que desde 1992 atua contra o racismo e em defesa dos direitos da mulher negra.// Durban, a que ela se refere, é a cidade da África do Sul em que ocorreu a Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância, em 2001.//

## **SOBE SOM**

[Cultne | Vídeo | Baú Cultne - Conferência Internacional Durban 2001](#)

### **Aos 0'58”**

"Os brasileiros assinalaram sua participação na conferência levando a Durban a maior de todas as delegações (+) representando as diversas organizações do Movimento Negro ao lado de indígenas, mulheres, homossexuais e outros grupos que sempre foram historicamente discriminados."

**ROSANA:** Eu também participei da Conferência de Durban, como representante da Cepia, uma organização de mulheres em que eu atuava na época. Estava lá articulada com dezenas de ONGs e movimentos sociais brasileiros, atuando para influenciar o texto da declaração final da conferência a favor da inclusão dos direitos dos afro-latino-americanos, e para ampliar a responsabilidade do Estado em promover a igualdade racial.// A Lúcia Xavier também também em Durban presenciou o debate sobre se a escravidão transatlântica se configurava como um crime contra a humanidade, princípio que foi defendido pela diplomacia brasileira em Durban.

## **SONORA ENTREVISTA LÚCIA XAVIER**

### **AOS 00:10:00**

Essa eloquência do Brasil em trabalhar essa discussão e negociar esse termo foi importantíssima, porque daí geraria ou não o (+) Instituto da Reparação. Só com esse reconhecimento você conseguiria ampliar a ideia da reparação, porque até ali a reparação era da cidadania. Políticas que pudessem abrir a

melhor qualificação, melhor oportunidade.(+) 00:10:21 A gente só tem uma parte das ações afirmativas exatamente por causa dessa intrínseca dificuldade de olhar que a nossa condição de vida hoje reflete o que foi a escravidão e a negação da nossa presença na construção da nação, da divisão de recursos, distribuição de recursos, do impedimento de que entrássemos de modo geral nas condições de representação política e participação política.

**ALESSANDRA:** Nesse momento histórico, uma iniciativa pioneira em relação à política de cotas no Brasil ocorria na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ.

### **SOBE SOM**

[https://www.facebook.com/watch/?v=749700786264476&\\_rdc=1&\\_rdr](https://www.facebook.com/watch/?v=749700786264476&_rdc=1&_rdr)

AOS 1'39" "A políticas de cotas tem raízes plantadas no Brasil há quase vinte anos, a UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro é uma das pioneiras"1'48' (+)'

AOS 2'40' A partir da experiência com a UERJ, foi possível refletir como as ações de políticas afirmativas podem promover o acesso a uma formação acadêmica de qualidade."

**ROSANA:** Mas esse não foi um processo suave.// A lei foi aprovada pelos deputados estaduais na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, a Alerj e encontrou muita resistência, inclusive na universidade.// Quem acompanhou de perto foi o advogado e hoje professor substituto do Instituto de Planejamento Urbano, o IPPUR da UFRJ, Renato Ferreira.// Renato é doutor em Ciências Jurídicas e teve um papel importante nesse processo.// Ele relembra essa resistência.

### **SONORA ENTREVISTA RENATO FERREIRA**

(14'55") "A UERJ, no primeiro momento, se sentia violada, sentia que tinha a sua autonomia violada por essa legislação. Então, a reitoria, sem querer muitas vezes entrar no mérito, se era contra ou a favor das cotas, dizia que a UERJ tinha que ter autonomia para decidir a sua política de cotas. Não era uma lei estadual que tinha que impor isso para a universidade.

**ALESSANDRA:** Na época, a reitora era Nilcéa Freire, feminista histórica. Ela inicialmente resistiu à adoção da ação afirmativa, mas mudou de posição se transformando em uma defensora importante das cotas.

### **SONORA ENTREVISTA RENATO FERREIRA**

(15'19") Quando a UERJ muda essa opinião, a gente começa a mostrar para as outras reitorias que a reitora do Rio de Janeiro, das Universidades do Estado do Rio de Janeiro, ela era favorável, era uma aliada. E aí a reitora

Nilceia se colocou também como um instrumento nessa luta, porque ela começou a viajar pelo Brasil, conversando com seus pares, ia aos encontros de reitores, conversando com seus pares. Olha, criar política de cotas é importante sim. Está melhorando. E ela dizia, eu nem percebi o quanto a universidade era elitista. Só quando nós adotamos a cota, a reação que criou deu a dimensão de como a UERJ era elitista. Então, é importante que vocês discutam e adotem a política de cotas. Então, ela passou a ajudar muito também.

**ALESSANDRA:** Se por um lado o movimento pelas cotas foi angariando apoios, por outro, foi alvo de artilharia pesada: de setores acadêmicos específicos, da mídia e da justiça.// Um jogo pesado.

**ROSANA:** Muito, Alessandra.// E inicialmente os ataques partiram principalmente de grupos conservadores, mas vieram também de pessoas com histórico progressista.// Simbólico dessa resistência foi a divulgação, já em 2006, de um “manifesto contra as cotas Raciais”, redigido por intelectuais alegando que as políticas propostas aprofundariam o racismo:

#### **SOBE SOM LEITURA DO MANIFESTO:**

[https://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/integra\\_manifesto\\_contra\\_cotas.htm](https://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/integra_manifesto_contra_cotas.htm)

**(GRAVAR)** Raças humanas não existem. A genética comprovou que as diferenças icônicas das chamadas raças humanas são características físicas superficiais, que dependem de parcela ínfima dos 25 mil genes estimados do genoma humano. A cor da pele, uma adaptação evolutiva aos níveis de radiação ultravioleta vigentes em diferentes áreas do mundo, é expressa em menos de dez genes!

#### **VINHETA SEPARA**

O racismo contamina profundamente as sociedades quando a lei sinaliza às pessoas que elas pertencem a determinado grupo racial – e que seus direitos são afetados por esse critério de pertinência de raça.

**ROSANA:** Sim, biologicamente as raças humanas não existem, mas o racismo artificialmente cria e hierarquiza essas diferenças.// Na época, não foi fácil enfrentar esse discurso e o eco na sociedade.// Entre as pessoas que assinaram estavam Caetano Veloso, Antônio Cícero, Lya Luft, Wanderley Guilherme dos Santos, Bolivar Lamounier, Demétrio Magnoli, Ferreira Gullar, Lilia Moritz Schwarcz.// O argumento era de que as cotas dividiriam a sociedade.// Na época, foi editado um livro com artigos contra a legislação que tinha um título bem representativo dessa estratégia: “Divisões Perigosas: Políticas Raciais no Brasil Contemporâneo”.

**ALESSANDRA:** E em paralelo havia as tentativas jurídicas de interditar os avanços.// O poder de articulação dos opositores às políticas de cotas não era pequeno.// A tentativa foi de derrubar as cotas da UERJ e assim impedir que a iniciativa fosse adotada em outras universidades.// E eles foram diretamente ao Supremo Tribunal Federal.// Só não esperavam a reação dos defensores das políticas afirmativas

#### **SONORA RENATO FERREIRA**

(13'20") A própria reação ao sistema de cotas nos obrigou a nos articular em rede nacional. E aí a UERJ, mais uma vez, pôde contribuir muito porque o LPP acabou criando uma rede de intelectuais e ativistas negros em prol das cotas e nós nos reuníamos. Assim, dois em dois meses, três em três meses, nós nos reuníamos. e traçávamos estratégias e dialogávamos sobre nossas experiências. Então, a própria reação também contribuiu muito para que nós nos articulássemos nacionalmente.

**ROSANA:** O LPP a que o Renato Ferreira se refere é o Laboratório de Políticas Públicas da UERJ.// Dentro do LPP organizou-se uma importante rede de pesquisadores e ativistas que fortaleceu a luta do movimento negro pelas ações afirmativas.

#### **SONORA RENATO FERREIRA**

(18'20") Não havia maturidade jurídica no Brasil no início dos anos 2000 a favor de uma política de cota ainda mais racial. Não havia maturidade jurídica por parte dos maiores juristas do Brasil. Então, nós teríamos um pleito muito difícil, nós sabíamos. Então, nós começamos a nos articular, nós advogados, para defender as políticas de cota com base no pensamento social negro, ou seja, com base em textos e artigos, teses de intelectuais negros que eram até então invisibilizadas. Esse material todo nos ajudou muito a produzir nossas teses, porque as teses que eram históricas, sociológicas, antropológicas, da educação, educação também tem muita coisa produzida, elas teriam que ser traduzidas, elas teriam que ser transformadas em argumentação jurídica para serem levadas aos tribunais. Você tem uma ideia, nos primeiros meses de cotas da UERJ, mais de 300 ações foram colocadas na justiça contra as cotas da UERJ.

**ROSANA:** Lembro bem como essa experiência da UERJ que o Renato Ferreira nos conta se difundiu pelo país.// A Universidade Estadual do Rio de Janeiro se organizou para apoiar quem vinha depois.// Eles viajavam para falar do processo na UERJ e criaram também um Mapa das Ações Afirmativas na Educação Superior.// Um trabalho incrível que nos inspirou a escrever juntos, eu e o Renato, um capítulo de um livro chamado "Caminhos Convergentes", que inspirou o nome do nosso podcast "Caminhos Afirmativos".//

## **SONORA RENATO FERREIRA**

(5'36") A gente fazia um mapa do Brasil grande, em PowerPoint, e ia colocando aquelas estrelas, identificando mês a mês quais eram as universidades que já estavam adotando. No mesmo momento, aí já tinha sete universidades, depois dez, depois treze, e foi aumentando, a gente ia aumentando, ia poder... E aí, a cada universidade que adotava, a gente entrevistava um professor da universidade que tinha participado do processo de implementação, Na nossa página chegou a ter um milhão de visualizações, a página do LPP nessa época A gente publicava muito livro, fazia muito seminário E eu ficava encarregado de produzir essa pesquisa, distribuir para a imprensa (+) E a pesquisa se preocupava em falar não só do aspecto quantitativo, quantas universidades adotavam, mas também por região, por estado e também no aspecto qualitativo. Qual é o tipo de política de ação afirmativa? Se contemplava só escola pública, se contemplava escola pública e racial, étnico-racial. Enfim, a gente fazia todo esse monitoramento, esse percentual de política de cota, se era 10, 15, 20, 30%, E a gente produzia sempre um texto sobre a política. Então, esse texto a gente mandava para a imprensa, produzia um artigo acadêmico, publicava na página. E aí, então, servia, naquele início, de ferramenta tanto para a imprensa poder ter mais dados críticos para poder fazer suas matérias, tanto para o movimento negro utilizar como ferramenta de luta, quanto para os próprios intelectuais terem mais uma fonte de pesquisa.

**ALESSANDRA:** Incrível esse relato do Renato Ferreira, especialmente pra mim que não vivi essa disputa, mas sou uma beneficiária da política de cotas já em outro momento, da pós-graduação.// Um tema que vamos abordar no próximo episódio.// Eu penso que uma das grandes conquistas das cotas foi jogar luz nesse debate: encarar o racismo de frente.// O Renato conta como foi o processo de convencimento também dos responsáveis pelos sistema jurídico.// Como o jogo foi sendo virado.

## **SONORA RENATO FERREIRA**

(23'20") Eles começaram a mudar as suas decisões. Começaram a usar o nosso argumento de que as políticas de cotas eram constitucionais, porque a diversidade na educação era uma coisa muito importante para o desenvolvimento do ensino. Por outro lado, também na questão dos negros, havia uma questão que era histórica, de uma reparação histórica, que precisava ser feita para a população negra. Também funcionou muito os dados de exclusão das pessoas negras na educação superior. Começaram a sair muitas pesquisas mostrando o abismo que havia entre negros e brancos na educação superior. Então, a gente começou a trazer os dados empíricos e isso começou a impactar muito aos magistrados, ao mundo do direito. E muitas teses, muitas dissertações começaram a ser produzidas também nessa época sobre esse tema no direito. E aí passou um tempo razoável, a comunidade jurídica passa a defender o sistema de cotas, passa a entender a necessidade

do sistema de cotas. Muitos promotores, muitos defensores começam a dizer, juízes dão palestra dizendo que era importante assegurar o sistema de cotas, por uma questão de reparação histórica, por uma questão de promoção da diversidade, justiça distributiva, mas sempre preservando a ideia de que o Estado tinha um dever de promover a igualdade, que havia muita desigualdade nas universidades brasileiras.

**ROSANA:** Em abril de 2012, o Superior Tribunal Federal, o STF julgaria o caso decidindo unanimemente pela constitucionalidade das cotas para ingresso de negros e pardos na universidade.//Um dia marcado pela emoção.

### **SOBE SOM:**

[Grandes Julgamentos - Cotas raciais \(06/07/12\)](#)

**(Repórter) AOS 21'40"** O tribunal, por unanimidade, decidiu que o sistema de cotas adotado pela universidade está de acordo com a Constituição Federal e que a medida é necessária para corrigir um erro histórico de discriminação no país.

**(Ayres Brito) 20'45.** É de rigor constitucional proclamar que as políticas afirmativas têm embasamento na Constituição de 1988. São políticas afirmativas de quê? Afirmativas do direito que têm todos os seres humanos a um tratamento igualitário ou de igualitariamente respeitoso.(+)

**2'55"** Assim é que se constrói com dignidade uma Nação. A partir desta decisão, ministro Lewandowski, o Brasil, e partir desse Supremo Tribunal Federal que tem vitalizado a Constituição. Tem tirado a Constituição do papel, o Brasil tem mais um motivo para se olhar no espelho da história e não corar de vergonha.

**ROSANA:** Este foi o voto do Ministro Ayres Brito.// Em agosto do mesmo ano, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei que instituiu o sistema de cotas raciais e sociais para universidades federais de todo o país.

### **SOBE SOM NOTÍCIA DA TV:**

[Lei de Cotas em universidades e institutos federais é sancionada por Dilma Rousseff](#)

**((INÍCIO DO VÍDEO))** “A presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei que institui o sistema de cotas raciais e sociais para universidades públicas em todo país. O projeto tramitou no congresso nacional por treze anos.0'12” Pela lei metade das vagas das universidades e escolas técnicas federais do país será destinada a estudantes cotistas, critérios raciais e a renda serão levados em consideração.”0'24”(+) 1'32” Todas as instituições públicas terão quatro anos para adotar o sistema de forma integral.

**ROSANA:** A Lei nº 12.711 possibilitou mudança estrutural nos cursos superiores.// Nós, que circulamos nas universidades públicas, percebemos isso diariamente, o que é motivo de muita alegria.// Beatriz Albino, cotista do curso de medicina da UFRJ, um dos mais disputados do Brasil, faz parte dessa transformação na universidade e sua abertura para profissionais negros e negras.

### **SONORA BEATRIZ ALBINO**

**(áudio 2 início)** Hoje, a gente tem uma entrada importante de pessoas no curso de medicina, em carreiras importantes a partir do programa de cotas. (+) (áudio 1) muito importante eu, como mulher negra, ter conexões dentro da minha faculdade que me possibilitem ser melhor para o meu povo. E no momento que eu puder servi-los, né, como médica, que eu seja a melhor médica possível, que eu tenha as melhores possibilidades para eles, eu acho que isso a gente constrói dentro da universidade, para quando chegar no mercado de trabalho, a gente ter o nosso melhor para dar para a população.

**ALESSANDRA:** Muito bacana essa fala da Bia.// Ah, e vale registrar aqui que ela foi nota 1.000 na redação do Enem!!! Mas é verdade que há muitos desafios ainda pela frente.// E eu conheço bem eles: enfrentar o preconceito dentro da própria universidade, garantir políticas de permanência que viabilizem as condições para que o curso não seja interrompido, medidas para impedir fraudes.// A gente vai tratar disso tudo nos próximos episódios.// Temos muito o que conversar!

**ROSANA:** Muito mesmo! A pesquisa que realizamos no LEPES fez um diagnóstico importante sobre como estão esses e outros temas uma década depois da adoção das cotas.// Apesar da avaliação do impacto extremamente positivo, temos um caminho pela frente.// Mas também temos que comemorar essa conquista que é fruto da mobilização da sociedade, de um longo processo:

### **SONORA RENATO FERREIRA**

**AOS 36'01"** - Não há um protagonista na implementação e nem na defesa do sistema de cotas. A nossa luta coletiva do movimento negro que se organizou e, principalmente, a solidariedade das pessoas não negras, tal qual foi na época da abolição. Não foi o movimento negro sozinho que consolidou as políticas de cotas. época da abolição. Não foi o movimento negro sozinho que consolidou as políticas de cotas. Nas universidades que adotaram o sistema de cotas, não tinha negros no conselho universitário. E mesmo assim o conselho universitário era a favor das cotas. Na Assembleia Legislativa do Rio, a gente contava com três, quatro deputados negros só. E eles foram a favor da política de cota. Para além da nossa estratégia de luta, a gente também contou com uma solidariedade de pessoas brancas. Isso foi fundamental. As pessoas brancas que estavam naquele momento

eram progressistas. Pelas mais variadas razões, tá? E essas pessoas estavam no lugar certo na hora certa. E essas pessoas foram capazes de nos ajudar naquele momento em que a gente estava precisando de ajuda. Nós lideramos aquele processo e contamos com a ajuda dessas pessoas. Então, foi como toda luta social, ela é uma luta construída por várias pessoas importantes que passaram, que estavam ali naquele processo e fizeram aquilo que tinha que ser feito. E foi assim como você falou, eu gosto muito disso, eu gosto muito de entender isso como um processo. Um processo importante para que o Brasil, de uma vez por todas, se auto-identificasse.

**ROSANA:** O Renato descreve com precisão essa sensação de que a vitória numa batalha tão difícil foi da luta coletiva.// E se engana quem pensa que quem se beneficiou foram apenas negros e negras.// O professor chama atenção para um aspecto fundamental: toda a sociedade é transformada por esse processo que segue em curso.

### **SONORA RENATO FERREIRA**

**AOS 42'52"** - Quanto mais a gente vai transformando a sociedade, mais a universidade tem que se preparar para essa sociedade transformadora. E é melhor para todo mundo, porque no final ganha todo mundo, ganha a universidade, que passa a ter a diversidade dentro do campus e passa a ser instigada a produzir conhecimento sobre algo que ela não produzia. Ganham os alunos que entram pelo sistema de cotas, porque eles basicamente são os primeiros da família e levam esse conhecimento para suas comunidades, transformam suas vidas. Ganham os estudantes que não entraram pelo sistema de cotas, pela primeira vez vão estar com pessoas negras, por exemplo, numa situação de igualdade, que a universidade permite, que lá fora não é permitido, lá fora as pessoas negras estão servindo, lá fora as pessoas negras estão excluídas, dentro da universidade elas estão como iguais.

**ALESSANDRA:** Perfeito.// E a política de cotas na graduação abriu as portas para outras iniciativas já implementadas ou que estão em discussão: cotas na pós, no serviço público, nos partidos políticos, nas empresas... Mas como nossa série está só começando, vamos deixar esses e outros temas para os próximos episódios.

**ROSANA:** Com certeza, Alessandra.// Esse é um assunto que mexe com tantas camadas, que tem impactos tão profundos...// E nós vamos também viajar pelo país, buscando entender como essas políticas estão transformando universidades em diferentes regiões.// É isso, temos muito o que pensar, mas foi um prazer resgatar essa luta aqui nas ondas sonoras.// Uma história que nos emociona e nos dá força na luta.// Então, fica o convite para os próximos episódios.

**ALESSANDRA:** Nós estaremos juntas, Rosana! Até lá!

### **VINHETA FINAL**

**“CAMINHOS AFIRMATIVOS. UM PODCAST DO LEPES: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior da Faculdade de Educação da UFRJ.**